

STORYTELLING (CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS) UMA ESTRATÉGIA PARA O ENSINO DE INGLÊS PARA CRIANÇAS

Alessandra Ferreira de CAMARGO
Cleonice PLETSCHE
Centro de Idiomas Notre Dame Passo Fundo

Resumo: O ensino de inglês para crianças é uma experiência renovadora, pois além do carinho que recebemos, somos impulsionados a uma atualização constante. Estamos sempre buscando novas atividades, novos recursos e novas metodologias para um ensino mais eficiente e contextualizado. O uso de *storytelling* proporciona infinitas possibilidades no ensino da língua estrangeira, já que insere os alunos no contexto da história, proporciona o uso da língua em uma situação real de interação, além de ser um excelente fator de motivação ao aprendizado do novo idioma. Segundo Tonelli (2004), em seu artigo Um olhar sócio-histórico: histórias infantis no ensino de língua inglesa, através da literatura infantil, a criança pode construir seus próprios conceitos e desenvolver a autonomia. As crianças entram também em contato com diversas formas de construção de frases e usos lexicais fundamentais para o domínio da língua inglesa. Em nossa prática de ensino com crianças entre 8 e 10 anos, percebemos o interesse dos aprendizes pelas histórias, bem como os resultados positivos desse recurso no processo de ensino da língua. A utilização de histórias já conhecidas pelas crianças em sua língua materna proporciona a ativação de seu conhecimento prévio, aperfeiçoando o entendimento da história contada e das novas estruturas na língua inglesa. As crianças são, então, motivadas a desenvolverem as quatro habilidades linguísticas de modo lúdico e atraente. Sentem-se confiantes, por partirem de algo que é de seu contexto, sendo incentivadas a interagirem por meio da língua inglesa de

maneira significativa, tais aspectos são fundamentais para que o aluno construa o seu conhecimento, adquirindo efetivamente o novo idioma. Este trabalho apóia-se na visão sociointeracionista da aprendizagem e do desenvolvimento (Vygotsky, 1998, 2001; Bakhtin 2003, 2004) e na proposta de Rocha, (2008) para o ensino de inglês para crianças. O objetivo é apresentar e discutir o uso de *storytelling* como metodologia de ensino, exemplificando com tarefas e atividades práticas já desenvolvidas no Centro de Idiomas Notre Dame.

1 INTRODUÇÃO

São muitos os fatores que podem ser citados com a finalidade de justificar o ensino de língua estrangeira por meio de *storytelling*, ou contação de histórias. Dentre alguns desses fatores destaca-se a naturalidade que acompanha a consolidação do aprendizado da nova língua, pois o aluno será capaz de internalizar estruturas linguísticas, expressões, vocabulário e pronúncia, tornando-o mais fluente e eloquente. Todos esses benefícios serão oferecidos de maneira lúdica e atrativa, em um ambiente que estimula sua emoção, e que abre possibilidades de interação, trazendo, assim, maiores possibilidades de sucesso no aprendizado.

A interação em sala de aula, de acordo com Vigotsky (2000), é fator fundamental para a aprendizagem, o que está diretamente ligado ao uso do *storytelling*. Além dele, outros estudiosos atuais defendem a importância de contar histórias para a aquisição da linguagem e para formação emotivo-intelectual. É o caso de Rocha (2008), Tonelli (2004), Lima (2006), sendo que a última menciona o fato de a criança ter a capacidade de aprender qualquer fonema de qualquer língua até os três anos de idade, desde que essa interação seja real (ao vivo), o que, novamente, atribui grande valor à contação de história.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Destacamos nesta seção os autores e propostas teóricas que serviram de embasamento e deram sustentação ao trabalho desenvolvido, propostas aplicadas em projetos e tarefas para o ensino de inglês para crianças.

A aprendizagem e a linguagem

De acordo com Vygotski (2000), a aprendizagem da língua ocorre por intermédio do uso da linguagem em situações de interação significativas com outras pessoas e, portanto, o sujeito se constitui na e pela linguagem. Assim sendo, o comportamento humano deve ser compreendido a partir das relações sociais que os indivíduos estabelecem com o meio social em que vivem.

O autor também afirma que a língua materna (LM) tem um papel mediador na aprendizagem da língua estrangeira (LE), pois a relação entre ambas é análoga à ligação entre os conceitos espontâneos e científicos.

É fundamental no ensino da LE que se considere a realidade do aluno, focando-se na interação e compreendendo o processo de ensino e aprendizagem como um processo social, histórico e cultural.

De acordo com Bakhtin (2000), a linguagem é ideológica. A partir dessa perspectiva de linguagem, entende-se a importância de ensinar a LE com fins transformadores, pois a concretização do uso da língua acontece através de enunciados de determinados falantes, integrantes dos diferentes campos da atividade humana.

Assim sendo, a linguagem tem função mediadora, pois o conhecimento humano é construído a partir das interações entre os sujeitos. A ação desses sujeitos sobre o objeto é mediada pela linguagem.

Múltiplos olhares sobre o ensino de LE para crianças

No que se refere ao ensino de inglês para crianças, as pesquisas ainda podem ser consideradas iniciantes e encontramos mais perguntas e dúvidas do

que respostas. Contudo, alguns estudos e propostas merecem destaque, principalmente, por trazerem respaldo ao trabalho que estamos construindo em sala de aula.

Para Rocha (2008), o trabalho com gêneros é uma alternativa para se trabalhar a formação plena do indivíduo, além de tratar de aspectos políticos e sociais que constituem nosso agir no mundo.

De acordo com a autora, o ensino adequado da língua estrangeira está relacionado com a pedagogia do professor, já que a má qualificação e o despreparo do profissional podem causar nas crianças um desinteresse pelo aprendizado da língua estrangeira e uma frustração.

Rocha (2008) defende a criação de gêneros relacionados com três sistemas de atividades: gêneros que fazem brincar, gêneros que fazem cantar e gêneros que fazem contar. Este último gênero compreende as atividades narrativas em verso ou prosa.

Para Tonelli (2004), as crianças têm necessidade de fantasia e imaginação, por isso o uso das histórias é tão importante, já que supre essa necessidade, desencadeando um processo de apropriação e uso para construção de conceitos e conhecimentos.

De acordo com a autora, instrumentos como as histórias infantis são capazes de ativar o conhecimento prévio dos estudantes e oportunizar o uso da língua estrangeira dentro de um contexto significativo para o aluno. Desse modo, as histórias são importantes no ensino da língua estrangeira, pois são significativas para as crianças e promovem a interação entre elas.

Numa perspectiva complementar, Lima (2006) salienta a importância de planejamentos e currículos adequados ao período de maturação em que se encontram as crianças, assim os procedimentos pedagógicos deverão ser distintos de acordo com a idade de formação e o contexto de desenvolvimento da criança.

A partir dos recentes estudos da neurociência, Lima (2006) afirma que ensinar um mesmo assunto para crianças de faixa etária diferente implica procedimentos metodológicos distintos.

Outra descoberta importante da neurociência, segundo a estudiosa, é que as várias atividades cotidianas desenvolvidas pelas crianças como brincar, ouvir música, fazer experiências novas movidas pela curiosidade e participar de práticas culturais tem um profundo sentido educativo, pois impulsionam o desenvolvimento das “redes neuronais”.

Segundo Lima (2006), devemos motivar as crianças e incentivar a narrativa em todas as suas formas, a expressão das idéias e dos sentimentos e, principalmente, motivá-las para a autonomia.

Com relação ao interesse das crianças, Coelho (1997) divide-os conforme faixa etária por meio de um denominado “quadro de interesses”, que separa as etapas pré-escolares das escolares, entendendo que na fase pré-escolar até os três anos de idade as crianças se encontram na fase pré-mágica e a partir dos três anos de idade até os cinco anos de idade estão na fase mágica. Ambas as fases compreendem o interesse por histórias de bichinhos, brinquedos, objetos, seres da natureza (humanizados); histórias de repetição e acumulativas (Dona Baratinha) e histórias de fadas.

Já na etapa escolar, dos seis aos sete anos deve-se dar preferência a histórias de crianças, animais e encantamento; a aventuras no ambiente próximo (família, comunidade) e a histórias de fadas. Ainda nessa etapa, mas agora considerando a idade de oito anos, é chegada a hora de apresentar à criança histórias de fadas com enredo mais elaborado e histórias humorísticas. Aos nove anos ainda são trabalhadas as histórias de fadas e também histórias mais vinculadas à realidade. Já a partir dos dez anos podem ser oferecidas à criança aventuras, narrativas de viagens, explorações, invenções; além de fábulas, mitos e lendas.

Contação de histórias (*storytelling*) como estratégia de ensino

Tendo como objetivo ensinar a criança a criar significado, construir sentido em uma língua estrangeira Malkina (2010) defende que a criança não pode construir significado sem experiência prévia com a vida e língua, e ela precisa que a língua colabore com essa nova experiência. O *storytelling*

proporciona essa experiência e é com *storytelling* que a criança aprenderá estratégias para a compreensão de texto.

Segundo a autora, é no processo de reconstrução da história que cada criança constrói sua própria história e seu próprio significado. De acordo com a autora ainda não se sabe qual técnica é a mais eficaz na contação de histórias, mas não há dúvidas que a compreensão e entendimento da história são afetados pela técnica usada. Sendo assim, essa técnica deve direcionar, conduzindo o aluno por meio de uma compreensão guiada que o auxilie no entendimento e compreensão da história.

Assim sendo, e para que a história seja significativa para a criança, o trabalho de pré-leitura deve ser considerado como ferramenta essencial, podendo ser aplicado por meio de apresentação visual do vocabulário utilizado na história, apresentação dos personagens, ativação do conhecimento prévio e tentativa de associação com assuntos pertinentes, já conhecidos, relevantes ou até mesmo em voga. Fazendo parte desse processo de compreensão guiada, a própria criança aprende estratégias para fazer sentido e as usa para a leitura, sendo o papel do professor, conforme Malkina (2010), de ajudar a criança a usar diferentes estratégias a ajustá-las ao processo de contação se a criança não encontrar significado.

Na visão de Pedersen (2010), outros aspectos importantes devem ser levados em consideração quando se trata da preparação para o *storytelling* ou contação de histórias. As sugestões vão desde a seleção até as possíveis atividades pós contação. Segundo o autor, a seleção da história é parte importante do processo, pois é através dessa etapa que o professor poderá julgar a relevância da contribuição da mesma para os estudantes. Para tanto é imprescindível que o professor também seja um leitor, pois, terá autoridade de escolha, fazendo uma melhor adequação.

A preparação para a contação inclui passos como aprender da história, isso dará mais segurança ao contador; capturar incidente por incidente, estabelecendo sequencias que auxiliarão no momento da contação; controlar a duração da história, sendo muito longa as atividades devem variar; controlar o vocabulário da história, o que pode incluir atividades direcionadas; controlar a

voz, praticando sempre que necessário; e, por fim, relaxar antes de contar a história.

Pedersen (2010) segue dizendo que uma história deve ser apresentada de um jeito que enfatize a história e não como ela é contada, o que remete à preparação cuidadosa da técnica utilizada sem, no entanto, demonstrá-la aos ouvintes.

Já como atividades pós-leitura, o autor observa que as questões de compreensão podem ser usadas, no entanto de forma cautelosa para que não se perca o artístico da contação. Atividades fonéticas, semânticas e sintáticas são incentivadas por pelo estudioso, que lembra que não há limite de exercícios linguísticos que podem ser baseados em uma história. Além dos exercícios auditivos, de escrita e orais ainda podem ser criadas atividades visuais e dramáticas para o encerramento da história.

Assim como Pedersen (2010), Malkina (2010) também salienta a escolha da história apropriada. E diz que a mesma deve conter um encadeamento de estruturas e rimas, repetição, palavras de ação e palavras que representem sons. Todos esses aspectos garantem uma melhor participação e envolvimento das crianças. Inclusive a autora cita um exemplo de uma história muito popular entre as crianças justamente por conter todos esses aspectos.

O planejamento para ações bem sucedidas

O primeiro passo para uma contação de história bem sucedida, segundo Pedersen (1995), é a seleção prévia da história a ser contada, o que envolve o estudo da faixa etária dos alunos, possíveis adequações do enredo e considerações das preferências. Além disso, um professor leitor é de fundamental importância, pois as suas leituras serão a base da escolha dos enredos, além de conferirem autoridade ao seu *storytelling*. A partir dessa autoridade, o professor será capaz de adaptar as histórias e os recursos utilizados para conseguir e promover interação e buscar outros objetivos que achar pertinentes. É necessário também o cuidado com a promoção de valores

presentes em cada história, o professor não deve doutrinar os alunos, mas pode educar para a formação de um cidadão crítico e atuante na sociedade. O uso do *storytelling* pode servir para a comunicação entre diferentes culturas e para o conhecimento de aspectos culturais específicos, em consequência, oportunizando a valorização das diferenças.

O segundo passo é a preparação da contação da história, o que consiste em aprender a história e torná-la sua. De preferência, deve ser contada em capítulos, realizando diferentes atividades ao longo de cada capítulo, antes e após a contação (pré-leitura, leitura e pós-leitura). O professor pode pensar, nessa etapa, em diferentes recursos para a memorização: selecionar os acontecimentos principais, simplificar o enredo, usar um vocabulário rico. Quanto à escolha do vocabulário, entende-se que não é necessária a preocupação com o entendimento de todas as palavras pelos alunos, pois adivinhar e levantar hipóteses faz parte do processo. O professor pode auxiliar a compreensão através de mímicas, sinônimos ou figuras.

Por fim, a história será contada. Deve-se estar tranquilo, utilizar um tom de voz grave, sem gritar, expressar as diferentes emoções que aparecem na história e procurar também despertar essas emoções nos alunos. É importante manter o contato visual (olho a olho) com os ouvintes para mantê-los atentos e envolvidos. Tal procedimento permite também que o contador verifique a compreensão e receba *feedback* instantâneo. Pode-se e deve-se fazer uso de linguagem corporal natural e adequada aos objetivos propostos pelo contador e pela história. Lembre-se de criar um ambiente agradável, confortável, envolvente e acolhedor. É necessário ainda um cuidado para que os exercícios de compreensão sejam naturais e não interfiram no caráter artístico e lúdico da história. Há vastas possibilidades de exercícios linguísticos, com base na história, que podem ser preparados de acordo com a faixa etária dos alunos e de acordo com os objetivos propostos.

3 EXPERIÊNCIAS DE PROJETOS DESENVOLVIDOS

Nesta seção estaremos descrevendo projetos e tarefas planejadas e desenvolvidas ao longo de dois anos, com crianças e adolescentes no Centro de Idiomas Notre Dame.

Little Red Riding Hood

O projeto de *storytelling* com a história *Little Red Riding Hood* (Chapeuzinho Vermelho) foi desenvolvido com crianças de oito e nove anos no Centro de Idiomas Notre Dame durante o período de março e abril de 2010. Foram várias aulas que incluíram atividades de pré-leitura, leitura e pós-leitura. Ao longo das aulas, foram lidos trechos da história, com diferentes atividades para compreensão e aquisição do vocabulário, como exemplificamos na sequência.

Inicialmente, foi mostrado aos alunos uma figura de uma versão da história. Os estudantes foram convidados a adivinhar a identidade da Chapeuzinho Vermelho. Em seguida, outras questões foram feitas para ativar o conhecimento prévio dos alunos. Eles foram questionados se conheciam a história e se já haviam visto o trailer *Hoodwinked*. Posteriormente, os estudantes assistiram ao trailer do filme e a professora auxiliou a compreensão. Após os alunos ouvirem um trecho da história *Little Red Riding Hood*, a partir de uma versão impressa pela editora *New Editions*. Trabalhou-se também com uma versão interativa da história disponível no site [British Council](#)¹. Depois, questionou-se os alunos quanto as diferentes versões e foi proposta uma conversa sobre os avós (*grandparents*). Outras possibilidades de pós-leitura são a encenação da história através de *puppets* (impressos ou feitos pelos alunos) e uma atividade em dupla de entrevista. Nessa última atividade os estudantes com a ajuda do professor produziram perguntas a serem feitas para um personagem da história que eles escolhessem. Cada estudante então faria essas perguntas para o colega da dupla que deveria responder assumindo as características do personagem escolhido. Por exemplo, um aluno faz uma pergunta direcionada a personagem Chapeuzinho Vermelho “Do you ever change your clothes?” e o colega, responde “Of course, I do. I change my

underwear everyday!” Muitas outras atividades são possíveis e devem ser adaptadas de acordo com a faixa etária de cada turma de crianças.

The Lion King

As contação do livros *The Lion King* (O Rei Leão) foi realizada como parte de um projeto de visitação ao Centro de Idiomas, no qual os alunos das séries iniciais do Colégio Notre Dame foram convidados a conhecer o espaço, participando de atividades envolvendo as línguas oferecidas no Centro. A mesma foi iniciada com uma breve pré-leitura que buscava ativar o conhecimento prévio dos alunos a respeito da história. Isso foi feito por meio de slides e figuras que mostravam personagens em cenas da história, juntamente com questionamentos que os guiavam a lembrar parte do enredo e acontecimentos, uma vez que grande parte das crianças já haviam tido algum tipo de contato prévio com a história em questão. Além disso, foram trabalhados aspectos como introdução de vocabulário presente na história e nome em inglês dos personagens. A proposta era contar a história inteiramente em inglês com o recurso visual de slides e utilizando-se também de estratégias como gestos, entonação de voz, as próprias figuras usadas na pré-leitura e também o auxílio proveniente dos alunos que, desafiados a entender o enredo sem ainda fazer curso de inglês, contribuíam interagindo de forma muito significativa. Após a etapa de contação os participantes da oficina foram convidados a remontar o enredo na sequencia correta. Foi entregue a cada criança a figura de uma cena que deveria ser posta junto à descrição correspondente. Essas descrições estavam coladas nas paredes, em inglês. Ainda na sequencia de procedimentos os alunos puderam escolher uma cena que gostariam de assistir do DVD do Rei Leão. Cabe frisar que o ambiente foi decorado de acordo com o tema e que durante todo o tempo a trilha sonora do DVD, que tem motivos africanos, auxiliou a criar um clima propício para que a atividade se desenvolvesse de maneira espontânea e dinâmica, contribuindo também para criar expectativa quando as crianças entravam na sala. O projeto teve resultados positivos.

Gingerbread Man

Com a história do *Gingerbread Man* foi planejado e desenvolvido um projeto mais amplo, que envolveu além de *storytelling*, a participação das crianças em *cookery classes* ou aulas na cozinha do Centro de Idiomas. A história foi contada ao longo de algumas semanas, dividida em capítulos e apresentada não somente no formato de livro, mas também com outros recursos, tais como: *flashcards*, livros virtuais, vídeos retirados da internet, entre outros. A história foi adequada a cada faixa etária envolvida, uma vez que o projeto foi desenvolvido com crianças e pré-adolescentes. As atividades de pré-leitura incluíram trabalho com vocabulário presente na história; exibição de trecho do filme *Shrek*, em cena com o *Gingerbread man*; palavras cruzadas; caça-palavras; jogos on-line e em sala de aula, entre outras. É importante pontuar que durante o processo de leitura algumas estratégias foram utilizadas para melhor contação da história: a sequência de acontecimentos foi bem explorada durante a divisão dos capítulos; houve utilização de recursos visuais; repetição e recontagem da história pelos próprios alunos. Também na pós-leitura, após cada capítulo e após finalizar o enredo, foi feito uso de atividades de fixação que incluíram toda uma diversidade de atividades e envolveram questões de gramática e fixação. Ainda como pós-leitura foi desenvolvida a parte de *cookery class*, na qual foi feita a receita do *Gingerbread man*. Antes de ir à cozinha, a receita foi estudada em sala de aula por meio de atividades de pré-leitura que auxiliaram a compreender melhor a sequência de ações da receita. Para tanto, foram apresentados os verbos presentes nos comandos da própria receita, isso foi feito usando *flashcards* e, em alguns casos de turmas, utilizando o recurso da mímica para representar as ações. Os utensílios que seriam utilizados também foram para a sala de aula para servir de auxílio na compreensão prévia. Mais uma vez foram utilizados diferentes recursos e materiais autênticos, tanto para a leitura da receita, quanto para a pré leitura, como visto acima. Já na cozinha, as tarefas foram divididas entre os alunos e,

cada um deveria ler sua ação antes de executá-la. A finalização foi novamente com atividades de pós-leitura.

Ugly Duckling

Na tarefas com a história do *Ugly Duckling* (O Patinho Feio) foram planejadas diferentes e variadas atividades, dentro da estrutura pré-estabelecida, de pré-leitura, leitura e pós-leitura.

Inicialmente os estudantes assistiram a um vídeo encontrado na internet que conta a história do *Ugly Duckling* em oito minutos. Após foram motivados a acionarem seu conhecimento prévio sobre a história e ouviram a versão da história publicada pela editora *New Editions*. A história foi dividida em capítulos ao longo das aulas e atividades de compreensão foram realizadas em cada etapa. Uma das atividades propostas foi a elaboração de uma dobradura (origami) de um cisne. Depois da atividade de dobradura, os alunos foram auxiliados a criar uma frase sobre o que aquela história havia significado para eles.

Com dedicação, empenho e planejamento o professor é capaz de pensar e elaborar atividades que auxiliem na utilização de *storytelling* em sala de aula, fornecendo, conseqüentemente, um dinamismo de apoio para que as histórias sejam contadas e tragam, da melhor maneira, todos os inúmeros benefícios possíveis que essa prática oferece. Promovendo, assim, um aprendizado mais eficaz da língua estrangeira em um ambiente onde o *storytelling* tem papel fundamental na promoção da motivação necessária para o desenrolar desse processo de aprendizado.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de tudo o que foi apresentado neste texto, fica clara a importância e eficácia da utilização de atividades de *storytelling* como recurso e estratégia no ensino de língua estrangeira para crianças. Justamente por ter um caráter afetivo que vai ao encontro de necessidades emocionais, cognitivas

e psicológicas das crianças, a contação de histórias tem o poder de preencher requisitos educacionais valiosos e servir como ferramenta extremamente útil a educadores. Apesar de todas as dificuldades e desafios pedagógicos, motivar e ensinar uma língua estrangeira para crianças é um trabalho renovador e estimulador. Perceber que a prática de *storytelling* possibilita tantos benefícios faz-nos querer aprimorar cada vez mais a nossa prática pedagógica. Esse aprimoramento se faz presente de maneira muito produtiva em projetos que, além de trazerem inúmeros benefícios às crianças, propiciam o envolvimento de professores, a interação, o trabalho em equipe feito com planejamentos pensados para um bem comum que é o despertar das habilidades linguísticas por meio da contação de história em uma língua estrangeira, motivando os alunos à leitura de maneira muito natural e a um crescimento imensurável enquanto sujeitos leitores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU E LIMA, Denise Martins. 1996. *O Processo de aquisição de língua estrangeira por crianças brasileiras em sala de aula: reflexões sobre a teoria de Krashen*. Dissertação de Mestrado. Araraquara, Unesp.

AMARAL, N. F. 2001. O ensino de línguas estrangeiras na formação integral das crianças: Abordagem Antroposófica. In: V. J. Leffa (org). *O Professor de Línguas: Construindo a Profissão*. Pelotas: Educat.

BAQUERO, R. 1998. *Vygotsky e a Aprendizagem escolar*. Porto Alegre: Artmed Editora.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2002. 179p.

BLOOR, M. 1995. The role of informal interaction in teaching English to young learners. In: C. Brumfit; J. Moon. & R. Tongue (Eds.). *Teaching English to Children: from practice to principle*. Harlow: Longman.

COELHO, Betty. *Contar histórias: uma arte sem idade*. 7ed. São Paulo: Ática, 1997.

LIGHTBOWN, Patsy; SPADA, Nina. *How languages are learned*. New York: Oxford University Press, 1993.

LIMA, Elvira S. *Como a criança pequena se desenvolve*. São Paulo: Editora Sobraquinho 107, 2006.

MALKINA, Natasha. Storytelling in early language teaching. *English Teaching FORUM online journal*, v.33, n.1, jan./mar. 1995, p.38. Disponível em <:http://www.exchanges.state.gov/forum/vols/vol33/index.htm>. Acesso em: 21 de jul. 2010.

MORGAN, J. and M. RINVOLUCRI. 1983. *Once upon a time: Using stories in the language classroom*. Cambridge: Cambridge University Press.

PEDERSEN, E. Martin. Storytelling and the art of teaching. *English Teaching FORUM online journal*, v.33, n.1, jan./mar. 1995, p.2. Disponível em <:http://www.exchanges.state.gov/forum/vols/vol33/index.htm>. Acesso em: 21 de jul. 2010.

ROCHA, Cláudia H. O Ensino de Línguas para Crianças: Refletindo sobre Princípios e Práticas. In: ROCHA, C.H.; BASSO, E. A. *Ensinar e Aprender Língua Estrangeira nas Diferentes Idades: Reflexões para Professores e Formadores*. 1. ed. São Carlos: Claraluz, 2008. v. 1. 256 p.

TONELLI, J. R. A. (Discente-Autor /Mest.Acadêmico), 2004. *Histórias infantis no ensino da Língua Inglesa: um olhar sócio-histórico*;Entretextos (UEL), Grafcel, v. 4, p.inicial 143, p.final 157, ISSN: 1519-5392, Impresso.

VYGOTSKI, Lev Semenovich. *A construção do pensamento e da linguagem*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2000. 496p.

VYGOTSKI, Lev Semenovich. *O Desenvolvimento Psicológico na Infância*. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 326p.

ⁱ <http://learnenglishkids.britishcouncil.org/short-stories/little-red-riding-hood>